

Passado, Presente e experiências: reflexões sobre a recepção dos antigos gregos em Curitiba na virada do século XX¹

Renata Senna Garraffoni*

RESUMO: O presente artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa mais ampla sobre recepção dos gregos antigos na virada do século XIX em Curitiba. Por se tratar de um trabalho em estágio inicial, o artigo é uma proposta de leitura que visa refletir sobre estética simbolista, experiência de vida e as relações possíveis entre passado e presente em um lugar em que os antigos gregos não se fizeram presente historicamente, mas tiveram um papel importante na constituição de laços de sociabilidade na Modernidade. Focando no trabalho de Dario Vellozo busco analisar como sua leitura dos antigos gregos permitiu um fluxo de ideias que se materializaram em experiências coletivas diversas, criando novas possibilidades de existir no Brasil da primeira República.

Palavras-chave: poesia simbolista; recepção grega; literatura; política.

Past, present and experiences: some reflections on Ancient Greek reception at Curitiba in the early 20th century

ABSTRACT: This paper is part of a wider research in Greek reception at Curitiba in the end of 19th century and beginning of the 20th. The aim of the paper is to discuss the relationship among symbolism, life experience and modern Greek reception in a city which ancient Greeks have never been, however became part of local identity in Modernity. I shall focus in Dario Vellozo's life and writings to propose how his way of understanding ancient Greek philosophy and literature promoted new experiences and possibilities of identity and sociability in Brazil during the first Republican period.

Keywords: symbolism poetry; Greek reception; literature; politics.

Introdução

Há vários anos tenho me dedicado ao estudo dos grafites parietais de Pompeia, portanto, entender o contexto da escavação da cidade é uma questão que foi se tornando mais presente ao longo da pesquisa. Como Pompeia tem uma história muito particular, pois foi soterrada pelo vulcão Vesúvio no final do século I da nossa era, passou por

¹ O presente texto foi escrito para conferência de abertura da *XXV Semana de Estudos Clássicos*, realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora, de 17 a 20 de setembro de 2018, tendo sido feitas algumas alterações para publicação. Agradeço ao Gustavo Frade e a Carol Rocha pelo gentil convite, oportunidade de reflexão e hospitalidade. Agradeço, também, aos seguintes colegas pelo apoio nessa fase inicial da pesquisa: Ana Paula Vosne Martins, Claudio Willer, Maria Tarcisa Bega, Marion Brepohl, Martha Becker Morales, Pedro Paulo Funari, Pérola de Paula Sanfelice, Renato Carneiro Jr e Roberto Machado.

* Doutora em História, professora de História Antiga no Departamento de História da UFPR desde 2004. E-mail de contato: resenna93@hotmail.com.

inúmeras formas de escavação desde sua redescoberta no século XVIII. A quantidade de material retirada e sua preservação, apesar da tragédia, fez com que muitos fossem visitar a cidade ao longo do século XIX, entre eles literatos, curiosos, viajantes – era o momento do *Gran Tour* na Europa e Pompeia foi parte do roteiro. Nesse mesmo período, arqueólogos trabalharam para profissionalizar as escavações diante do fluxo de visitantes. Sabe-se que ao longo do século XIX Fiorelli e seu grupo desenvolveram técnicas para a escavação, tornando a pesquisa no sítio arqueológico científica e desenvolvendo novos métodos de trabalho. No que se refere ao século XX, Cavicchioli (2004) destaca as atividades de Amedeo Maiuri, superintendente das escavações em Pompeia e Herculano dos anos 1920 até a década de 1960, passando pela ascensão, estabelecimento e final do fascismo italiano.

Essa relação entre política moderna e passado antigo, via fascismo no período de Maiuri, analisada por Cavicchioli, me intrigou e como já estava interessada em pesquisar mais a fundo os usos do passado na modernidade, a partir de uma parceria com Pérola Sanfelice (GARRAFFONI; SANFELICE, 2013a; 2013b; 2014; 2017), analisamos como questões identitárias e autoritarismos ao longo do século XX moldaram as escavações de Pompeia e as escolhas dos passados que seriam narrados. Era, portanto, uma clara relação entre temporalidades e experiências diversas com conexões peculiares, afinal, muito dos aspectos culturais e políticos do fascismo foram construídos a partir de releituras de valores romanos (RUFINO; 2013).

Ao mesmo tempo que realizava essas análises sobre Pompeia com Pérola Sanfelice, comecei a sensibilizar meu olhar para o Brasil: como seria a presença dos clássicos no final do século XIX e primeira metade do XX em nosso país? Romanos e/ou gregos antigos estiveram presentes na construção da identidade nacional do Brasil? Se sim, por quê? Quais os significados simbólicos de se retomar culturas antigas em um lugar que não estiveram historicamente? Todas essas questões me levaram para um campo que me sentia mais confortável, a história de São Paulo, suas esculturas equestres e os bandeirantes. Levantamentos realizados com Funari indicaram que seria possível uma reflexão sobre patrimônio, cidade, arte e circulação de saberes (GARRAFFONI; FUNARI, 2012), pretendia seguir esse caminho e aprofundar as pesquisas, até que por acaso, em 2012, me deparei com um mundo completamente desconhecido.

Como tutora do PET-História da UFPR,² orientei a pesquisa coletiva escolhida pelo grupo naquele ano sobre a revista *Joaquim*. *Joaquim* foi uma revista literária editada por Dalton Trevisan e seus amigos ainda na juventude, publicada entre 1946-1948, com muitas críticas à geração de escritores e poetas paranaense que viveram antes da II Guerra, entre tantos outros temas escolhidos nos números diversos publicados. Para desenvolver a análise e orientar a pesquisa fiz a leitura da tese de Sanches Neto (1998) que tratava do tema. Qual não foi minha surpresa ao descobrir na tese que Emiliano Pernetta, poeta simbolista que Trevisan tanto zombava na *Joaquim*, tinha sido coroado Príncipe dos Poetas por musas gregas em pleno Passeio Público de Curitiba em 1911! Era algo inusitado demais para não ser estudado.

Aos poucos fui me inteirando mais do tema, como uma pesquisa paralela aos estudos sobre Pompeia: iniciei as leituras sobre o Paranismo – movimento identitário do Paraná nas primeiras décadas do século XX – levantei alguns documentos na Casa da Memória, em especial fotos e reportagens de jornais, até que em 2016, devido a outro

² Fui tutora do grupo de setembro de 2010 a agosto de 2016, sem dúvida a pesquisa sobre a revista *Joaquim* realizada em 2012 e financiada pelo MEC/SESU foi decisiva para o desenvolvimento dos estudos que venho realizando atualmente. Sou imensamente grata aos e às estudantes que colaboraram com o trabalho coletivo naquele ano e ao apoio financeiro vinculado ao PET-História para sua realização.

trabalho que estava realizando em parceria com o Museu Paranaense, encontrei na reserva técnica, em uma caixa de madeira bem cuidada, a coroa de louros entregue a Emiliano Pernetta. Depois desse segundo encontro com Pernetta, resolvi, então, estudar a questão mais a fundo e desde 2017 até agora, tenho buscado pensar não só usos do passado, mas a recepção dos gregos e os meandros entre Literatura Simbolista, Antiguidade e Modernidade em Curitiba da virada do século XIX³. Ou, em outras palavras, estudar os encontros entre temporalidades distintas e as múltiplas experiências de vida possíveis que dali emergiram, tema que abordarei nesse artigo.

Para tanto, a presente reflexão está dividida da seguinte forma: início com uma reflexão mais teórica, a partir do recente livro de Roberto Machado *Impressões de Michel Foucault* (2017) para discutir conceitos inerentes aos estudos sobre a literatura simbolista, como tempo e experiência. Para tanto, retomo o clássico trabalho de Walter Benjamin e, em diálogo com Machado (2017) e a noção de *saber noturno* definido por Tony Hara (2017), procuro mapear alguns aspectos do *Zeitgeist* de meados do século XIX e início do século XX e os impactos nos círculos literários curitibanos. Em seguida, aprofundo questões relacionadas ao desenvolvimento do simbolismo no Brasil, para cruzar com a presença dos gregos na construção identitárias das elites curitibanas do momento. Por se tratar de um trabalho em estágio inicial, o presente artigo é uma proposta de leitura que visa refletir sobre estética, experiência de vida e as relações possíveis entre passado e presente. Não pretende, portanto, esgotar essa questão, mas trazer elementos para pensar como o encontro de poetas simbolistas em Curitiba, em especial de Dario Velloso, com os antigos gregos produziram um fluxo de ideias que se materializaram em experiências diversas, criando novas possibilidades de existir no Brasil da primeira República.

Modernidade, tempo e experiência

Em 1984 Chaim Katz telefona para Roberto Machado para comunicar a morte de seu mestre e amigo Michel Foucault. A notícia deixou-o mudo no telefone, a morte o fez pensar sobre a vida. Assim Machado inicia sua obra mais recente *Impressões de Michel Foucault* (2017), um trabalho bastante diferente dos anteriores: não se trata exclusivamente de uma abordagem teórica ou filosófica da obra de Foucault, mas a transformação de seus conhecimentos sobre o filósofo em literatura. Logo de início Machado cria um clima de instabilidade emocional e tristeza causada pela notícia da morte do amigo e, aos poucos, transforma suas sensações, lembranças e impressões em uma envolvente narrativa sobre amizade e gratidão. Não é à toa que afirma:

“(...) perplexos diante da notícia inesperada, muitas dessas impressões, como no instante da morte, me passaram pela cabeça. E resolvi expressá-las não como explicação ou homenagem, mas por saudade – essa vontade de eternizar a beleza das coisas que passam” (MACHADO, 2017, p. 234).

³ Recentemente realizei um levantamento do que há no Museu Paranaense, tanto na reserva técnica como em sua biblioteca sobre o tema, e os resultados podem ser conferidos em um catálogo publicado pela instituição, cf. Garraffoni 2018. Ressalta-se que, como a obra foi financiada pela instituição, há o livro físico, mas também a versão em e-book que pode ser baixado gratuitamente no site: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=204> (Acesso 21/01/2019).

Acaso, instante, impressão, vida, alegria de aprender, experiências, decepções estruturaram a narrativa de Machado e nos faz rir ou chorar com ele, com Foucault. Tempos e experiências são diluídos, ressignificados, recontados, redimensionados na saudade, na maturidade de quem se arrisca a um novo campo buscando se reinventar. Se esses temas parecem familiares, não é mera coincidência: em um curso ministrado em abril de 2018 em Curitiba, Machado comentou que sua inspiração foi Marcel Proust. Na leitura que propôs de Proust no curso, Machado intercalou uma análise sobre circularidade do tempo e aprendizado em uma reflexão sobre como expressar impressões, aquelas extraordinárias que podem se perder no tempo se não narradas. A partir de Deleuze, entende Proust como um pensador das relações, dos signos e símbolos que permitem transitar entre arte, as sensações, o amor e mundano. Tensiona, portanto, tempo e experiência na busca por expressar a realidade profunda. É a partir da experiência da simultaneidade, ou seja, da presença do passado no presente, da relação, que constrói com intensidade a vida e sua narrativa é um meio de eternizá-la.

A questão tempo/experiência, como é notório, é um *topos* fundante da literatura na Modernidade. Walter Benjamin (1989, p. 105) já argumentou que Proust estaria colocando a prova a teoria da experiência de Bergson, divergindo sobre a racionalidade do processo e inserindo o acaso como elemento importante nesse jogo. De certa forma, Benjamin aproxima Proust de Baudelaire para explorar as mudanças que a Modernidade imprime na experiência do leitor com o texto: Baudelaire seria o último grande êxito da poesia lírica, tendo escrito algumas décadas antes de Proust, mesmo que um curto espaço de tempo os separe, os contextos e experiências foram bastante diversificados. Nesse sentido, observar as mudanças históricas ali ocorridas, implica perceber as alterações na estrutura da experiência da leitura. A definição que Benjamin (1989, p. 88) faz de Baudelaire é bastante intrigante e a retomo aqui:

Baudelaire quer ser lido como um escritor da antigüidade. Essa pretensão foi satisfeita espantosamente rápido. (...) Decerto Paris ainda está de pé; e as grandes tendências do desenvolvimento social ainda são as mesmas. Porém o fato de terem permanecido estáveis a torna frágil, em sua experiência, tudo o que estivera sob o signo de 'verdadeiramente novo'. A modernidade é o que fica menos parecido consigo mesmo; e a antigüidade – que deveria estar nela inserida – apresenta, em realidade, a imagem do antiquado. 'De novo encontramos Herculano sob as cinzas; uns poucos anos, porém, soterram os costumes de uma sociedade e o fazem melhor do que toda a lava dos vulcões'.

A antigüidade de Baudelaire é romana. Só um ponto a antigüidade grega sobressai em seu universo. A Grécia fornece-lhe a imagem da heroína que lhe parecia digna e capaz de ser transferida para a modernidade.

É possível inferir que a proposta de Benjamin consiste em localizar Baudelaire na poética do coletivo, que compartilha uma tradição e, portanto, experiências, com seus leitores, um lírico no auge do capitalismo, como sugere o título de uma de suas obras, talvez o último. Já Proust estaria plenamente inserido na Modernidade, sua narrativa, por meio da memória involuntária, invoca o indivíduo. O leitor de Baudelaire, portanto, ainda se conecta com cultos e grupos, os de Proust já não mais. Talvez por isso Baudelaire tenha sido descrito como mais próximo da Antigüidade, do coletivo, do culto, enquanto Proust, mais afastado desses valores.

A leitura de Benjamin sobre essa questão expressa as tensões filosóficas e literárias dos autores e seus leitores, nos convidando a uma reflexão sobre tempo,

experiência, não de forma fechada, mas ampla, permitindo que retornemos a esse momento várias vezes para pensar as controvérsias da formação dos estados nacionais, dos grupos hegemônicos, os excluídos e os que se marginalizam e o lugar da arte nesse processo.

Como já apontou Marcel Raymond em 1940 (1997, p. 12), *Flores do Mal*, de Baudelaire, é uma fonte viva no movimento poético da época, nutrida por um ímpeto místico, libertando a consciência e pelos poderes obscuros, tenta superar o dualismo eu e universo. Ao se esforçar para fazer do ato poético uma operação vital, Baudelaire, segundo Raymond, revisita a metafísica, na tentativa de equilibrar o sonho e a vida, atirando-se no limite do desconhecido para encontrar o novo. Assim, Baudelaire eleva o tema romântico da revolta ao alto grau trágico (RAYMOND, 1997, p. 17). Tal radicalidade é perceptível em várias partes de sua obra, diz Baudelaire (*apud* BENJAMIN, 1989, p. 52), por exemplo, sobre as inspirações do poeta para escrever:

O poeta goza o inigualável privilégio de poder ser, conforme queira, ele mesmo ou qualquer outro. Como almas errantes que buscam um corpo, penetra, quando lhe apraz, a personagem de qualquer um. Para o poeta tudo está aberto e disponível; se alguns espaços lhe parecem fechados, é porque aos seus olhos não valem à pena serem inspecionados.

Essa singularidade rebelde e mutante de Baudelaire levou Hara (2017, p. 15) a afirmar que estaria entre os pensadores errantes, os nômades, os extemporâneos, aqueles que travam embates com a Luzes e os seus ideais universais, que buscam por Dioniso, e constroem seus saberes como noturnos. A percepção de Hara é bastante instigante para pensarmos alguns aspectos sobre a relação que se cria com Baudelaire e fundamenta aspectos da literatura posterior a ele, em especial a cultivada por simbolistas e decadentistas. Saber noturno, segundo Hara, é uma forma de saber que se contrapõe as normas das Luzes promovidas pelo Iluminismo e nos encaminha para debates travados ao longo do século XIX sobre ocultismo, nihilismo, sonhos, angústias e incertezas da ciência e modernidade. A noite, suas incertezas e medos, aparecem na literatura, na filosofia, nos modos de viver e sentir de poetas e intelectuais. Esse traço, argumenta Hara, é percebido por intelectuais em diferentes momentos, se Baudelaire é uma expressão importante dele, Nietzsche, assim como Benjamin, os simbolistas paranaenses, são parte desse tipo de saber, retomado, depois, por Paulo Leminski. Hara define o saber noturno como uma contraposição da intensa racionalização da existência aos mistérios humanos e da natureza, temas presentes de forma exaustiva na obra de dos autores mencionados.

Hara anuncia, portanto, uma tensão entre saber e sabor, entre conhecimento e experiência, chamando atenção para o fato de que Baudelaire estaria entre os pensadores-artistas, aqueles de se desvencilham da razão para mergulhar no caos da profundidade das existências. De fato, o olhar atento de Baudelaire ao cotidiano, ao que o circunda, se funde com leituras de temas sobre Antiguidade e ocultismo, construindo uma visão bastante peculiar do contexto em que viveu por meio de poemas singulares. Esse saber noturno se expressa em uma intensidade vivaz que influenciou não só os conterrâneos, como Proust, mas poetas em diferentes tempos e espaços. Não seria diferente em Curitiba da virada do século XIX.

Simbolistas Tropicais

Emiliano Pernetta, o poeta que viria a ser coroado Príncipe dos Poetas pelas musas gregas no Passeio Público em 1911, ao se deslocar entre Curitiba e o Rio de Janeiro, no final do século XIX, introduziu os colegas de Curitiba no mundo de Baudelaire: Bega (2013, p. 187) afirma que foi ele o responsável por apresentar *As flores do mal* ao grupo de intelectuais paranaenses. Na ocasião não fazia muito tempo que o Paraná tinha se emancipado de São Paulo e Curitiba escolhida como sua capital. Bega destaca que, do ponto de vista do cenário econômico, o ciclo da erva-mate vivia seu apogeu no Paraná com desdobramentos urbanos bastante particulares: embora a elite política curitibana estivesse vinculada a uma produção eminentemente agrária, o controle do produto final dependeria da cidade, em especial no que diz respeito à indústria nascente para a confecção dos recipientes para armazenamento e transporte da erva e à gráfica, para a impressão dos rótulos das embalagens para venda do mate. Nesse sentido, no final do século XIX, a cidade de Curitiba passa a ter uma expansão nas atividades na indústria da madeira, na metalurgia e litografia (BEGA, 2013, p. 55). Essa particularidade foi fundamental para alavancar a produção cultural da cidade, já que muitas gráficas são concebidas para a produção do mate, mas posteriormente, passam a produzir jornais e revistas literárias.

Assim, já no final do século XIX nota-se um desenvolvimento urbano e o início do processo de industrialização que recebeu uma população imigrante de centros europeus acostumada ao trabalho fabril. Nessa ocasião, Bega (2013, p. 57) afirma que Curitiba contava com cerca de quarenta mil habitantes e parte da população composta por alemães e franceses com experiência do trabalho nas fábricas e sindicatos, aptos a produzirem seus próprios jornais. Além disso, a cidade, alçada à capital de província, passa por um forte processo de alterações urbanas, com projetos de construções de edifícios públicos, igrejas, a biblioteca pública e, em 1885, funda-se o Museu Paranaense.

É interessante notar que Curitiba, mesmo sendo periférica em um plano nacional, se diferenciou de outros centros urbanos de mesmo tamanho no período, sendo um campo fértil para atividades culturais, em especial os embates intelectuais que envolveram clericalistas, anticlericalistas e o movimento literário simbolista. Seria nesses entrecruzamentos de discursos políticos e com uma nova geração de letras que os embates pela construção da identidade da cidade e do estado se iniciariam e se estenderiam no início do século XX. Emiliano Pernetta era parte desse núcleo, como também um de seus expoentes, ao lado de Dario Vellozo, Silveira Netto, João Itiberê da Cunha, Julio Pernetta e Euclides Bandeira.

Entender os impactos de *As flores do mal* nessa geração de simbolistas é perceber como o grupo lidou com o mal do século, as relações presente passado, a vida coletiva e suas experiências. A produção literária, em revistas que criaram ou mesmo em publicações em jornais, é vasta e variada, se tornou testemunho não só de uma perspectiva local do simbolismo, como também experimentações poéticas e de estilos de vida. Nessa ocasião, gostaria de focar na trajetória de Dario Vellozo, pois entre todos é o que mais explicitamente se voltou ao passado grego na tentativa de construir espaços de convívio e traçar rumos ao Paraná do futuro.

Para compreender como isso é possível, é preciso perceber os embates literários travados no Paraná que nascia. Um deles diz respeito à linguagem e experiência, como já mencionado. Willer (2010) afirma que o fundamento do simbolismo é a linguagem autorreferente e, de certa forma, se opõe ao realismo seja do parnasianismo, seja da narrativa naturalista. A linguagem não seria um reflexo das coisas, mas teria um ordenamento próprio; por isso, muitos simbolistas se aproximaram do ocultismo. Seriam poetas do tempo da decadência e Baudelaire seria seu grande expoente, pois

teria conseguido captar as almas em ruínas produzindo um lirismo cortante, criando da decadência uma estética para exprimir experiências e sensações inexprimíveis. Vários autores, inspirados em suas experimentações poéticas, teriam alargado seus significados. Por meio da gnose, argumenta Willer, alguns observaram o mal, outros se tornaram antiteístas, pesquisaram o hermetismo, retomaram a cabala, flertaram com o esoterismo, a alquimia. Todas essas experiências se fundaram na percepção de que o poeta é um mago; assim, as relações entre poesia e ocultismo vieram para decantar os poemas, na busca por uma obra pura, se recusaram a descrever o real e focaram no movimento, na fluidez, no inconstante temporal, no fugidio, no deixar de ser.

A forma como esses fatores podem se combinar varia bastante, daí a diversidade, mas chama atenção que os simbolistas recorrem ao passado como outra forma de experimentar o presente. Nisso Dario Vellozo foi um mestre. Willer (2010, p. 422), ao tratar do simbolista radicado em Curitiba, comenta que nos manuais de literatura é visto como um mestre no ocultismo, fundador do Instituto Neo-Pitagórico, alguém que iniciava discípulos na doutrina cabalística o que traria sopros de irracionalismo a suas ações. O estudioso chama atenção para as várias vezes em que os simbolistas no núcleo do Paraná foram chamados de irracionais, mas se essas críticas ainda persistem na atualidade, quando olhamos a biografia de Vellozo cuidadosamente, parecem fora do lugar: anticlerical, abolicionista, defensor da separação da Igreja do Estado, do ensino leigo para rapazes e moças, crítico do extermínio dos povos indígenas, participou de ações políticas com anarquistas. Considerado o mais ocultista e helenista dentre todos os simbolistas brasileiros, foi sincrético, tentou juntar presente e passado grego, ocidente e oriente, em clara busca pela síntese dos conhecimentos.

Willer ainda afirma que Vellozo foi um poeta do século XX que escreveu ao estilo do XIX. Essa anacronia, na forma e no vocabulário:

“seria coerente com o tradicionalismo doutrinário, a evocação e a recriação da Antiguidade. Oferece um duplo contraste com o modernismo brasileiro: foi beletrista na escrita e tradicionalista na doutrina. Interessou-se por mistérios órficos, mais do que por nossos mitos tribais. Contudo, ao idealizar esse passado arcaico, de uma antiguidade remota, projetou-o em um socialismo utópico” (WILLER, 2010, p. 426).

De fato, o simbolismo recorreu à antiguidade clássica em diferentes aspectos, e Vellozo, especialmente ao mundo grego, o que parecia demasiado europeu para os modernistas Mario e Oswald de Andrade, que projetaram um nacionalismo mais autóctone. Vale ressaltar que algumas décadas antes de Willer, Andrade Murici (1980 [1952], p. 22) já destacou e criticou o fato de o simbolismo brasileiro ter sido considerado exótico ou diletante. Se levarmos em conta as críticas ácidas de Trevisan e o grupo por ele liderado na *Joaquim*, é possível afirmar que desde o final da década de 1940 se produz um debate literário que expressa tensões entre aqueles que desejam uma nova forma de escrita e de identidade literária para Curitiba, construindo uma leitura estanque das possibilidades do simbolismo, e os que entendem que o movimento foi importante, se espalhou entre muitos, constituindo uma tradição própria e que se transforma em novos contextos. Entendo que ao definir o saber noturno como prática e conceito, Hara atualiza esse debate e recoloca questões pouco perscrutadas pelos estudiosos.

Retomo aqui o livro de Andrade Murici, pois chama a atenção pela força com a qual defende o movimento simbolista no final dos anos 1940 e início de 1950. No

prefácio à segunda edição, o estudioso deixa claro que preparou a obra em 1946, embora a tenha publicado somente em 1952 e aponta sua crítica aos modernistas por negarem a relevância do simbolismo, mesmo tendo se beneficiado dele. Em *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, defende que seu livro não é cronológico, nem linear, e que a diversidade de autores elencados e obras recolhidas indicam a robustez do movimento, preterido pelos modernistas. Já na sua introdução afirma que apresentará uma leitura da influência do simbolismo em outras correntes literárias entendendo o movimento como vasos comunicantes, ou seja, não apresenta a poesia simbolista como estanque, mas como fluida, como penetrante entre os poetas do final do século XIX e transformada nas obras de muitos outros posteriormente. Argumenta que em cada lugar o simbolismo tem sua particularidade, Cruz e Souza, por exemplo, negro do sul do país, sustenta uma revolta de sua condição a partir de Mallarmé, deixando clara a possibilidade de conexões entre a cultura negra e o antimaterialismo francês. Nesse sentido, Murici aponta, portanto, uma disputa sobre as possibilidades de leitura da tradição simbolista, abrindo espaço para pensar como, por meio das ações e ideias de Vellozo, ora saudadas e ora duramente criticadas, passado grego e presente curitibano se fundiram em experiências políticas e formas de sociabilidades singulares.

Definindo-se como livre-pensador, o professor de História do Ginásio Paranaense no final do século XIX, Dario Vellozo, lançou-se em uma aventura espiritual e, por meio do simbolismo, construiu uma literatura e estilo de vida pautado no ocultismo, na maçonaria e no anticlericalismo. Como um mago das palavras, segundo Beltrami (2009), Vellozo construiu um imenso *corpus* de texto, seja poesia, seja nos jornais, assim como editou revistas, criou condições para que as pessoas pudessem conhecer e experimentar a cultura grega, seja pelo Instituto Neo-Pitagórico, seja na curta experiência da escola Brasil-Cívico. Há, na Casa da Memória de Curitiba, um interessante acervo de fotos. Mulheres e homens de todas as idades frequentavam diferentes ambientes no início do século XX: em meio a festas da Primavera liam poemas antigos, refletiam sobre filosofia, em alguns casos, vestiam-se como os antigos gregos, constituíam grupos que compartilhavam ideias e interesses. Bega (213, p. 216) afirma que aos poucos sua vida vai se fundindo com os conhecimentos que acumula do passado grego ao ponto que, seus filhos mais novos, passam a ter nomes helênicos ou orientalizantes. O mundo grego antigo deixa assim de ser apenas objeto de estudo, seu mergulho nas filosofias, saberes e modos de viver resultam em uma transformação em seu cotidiano.

Talvez a materialização mais perene de suas ideias esteja no Templo das Musas, onde fundou o Instituto Neo-Pitagórico (INP) no final da década de 1910. A instituição, segundo Bega (2013, p. 238), ao abrigar diversos escritores e intelectuais de tendências esotéricas ou pitagóricas, é o lugar que traz organicidade para as filosofias que admirava, em especial as do mundo grego, fundando um espaço cultural dedicado a elas. Há, na vida de Vellozo, portanto, não só escritos, mas uma vontade de institucionalizar sua forma de perceber a Natureza, o Cosmos e o Homem. Ao criar o INP e romper com a visão cientificista, se afastando do Museu Paranaense, como observa Bega (2013, p. 239), acredito que Vellozo parte de sua estética simbolista arregimentada no final do século XIX para aprofundar-se nos mistérios helênicos e construir um modo de pensar e experimentar a vida de forma erudita e coletiva, mas não nos moldes convencionais do racionalismo em voga.

É importante destacar que, ao criar o INP, Vellozo aprofunda suas relações com o mundo helênico, mas se afasta dos amigos e companheiros de poesia da última década do século XIX e os anos iniciais do XX. Emiliano Pernetta fica mais próximo dos simbolistas e não segue os caminhos helênicos; seu irmão Júlio, envereda pelas lutas

contra a Igreja Católica; Eusébio da Mota é transferido para o Rio de Janeiro (BEGA, 2013, p. 249). Vellozo passa, portanto, a desenvolver uma forma de se expressar que mescla cada vez mais sua maneira de entender o nacionalismo ao passado grego, pensando a vida coletiva de forma distinta dos demais escritores da época. Em 1933 escreve *Atlantida*, publicada postumamente, que Bega considera seu testamento intelectual. Assim encerra:

Que o destino se cumpra!
Que da ATLÂNTIDA o Gênio a mente forme
Do homem fraternal!
E seja a terra dos palmares,
Na UNIDADE – Intangível,
A Pátria Universal,
A TERRA UNIVERSAL

Aeronaves da PAZ, – por sobre a Terra
Abri as asas da FRATERNIDADE!

Na suprema Cultura da PAZ se encerra,
É o Estado civil;
Chave de um ciclo – a ATLÂNTIDA descerra
As Portas de Ouro do Brasil.

O povo do BRASIL: –um hino à LIBERDADE
O ouro do Brasil: – o amor à HUMANIDADE!⁴

O poema apresenta alguns aspectos que resumem vários dos elementos aqui tratados: seus conhecimentos sobre o passado, como professor de História, sobre a alquimia, os elementos da mitologia e do mundo grego que tanto estudou, sua percepção cívica, os ideais de liberdade e humanidade presentes em muitos de seus textos. Desenha um nacionalismo em que o Brasil que imagina suspende os conflitos para se tornar mais igualitário, mesmo já em um novo contexto político, o do Estado Novo.

Embora essas sejam as linhas gerais do pensamento de Vellozo, que apresento aqui de forma sucinta, ressalto que o que chama a atenção é a diversidade de temas que tratou, bem como sua abundante obra e incansável luta pela construção de espaços culturais na cidade de Curitiba. Assim, se Willer nos ajuda a entender a recepção de Baudelaire entre os simbolistas do Paraná e quais temas foram explorados por esses poetas, bem como discute as implicações da prática poética simbolista em um momento em que não estava mais tão em voga na Europa em geral e em Paris em especial, o cotidiano de Vellozo, seus escritos e atuação para a construção de um Templo dedicado às musas gregas, nos apresentam uma nova questão: a relação entre a literatura e a construção de identidade paranaense. Estariam revivendo a Grécia Antiga? Emulando seus ritos? Como explicar uma presença helênica tão forte em uma cidade de quarenta mil habitantes nas primeiras décadas do século XX? Qual relação estabelecem entre o simbolismo, a Grécia Antiga e política?

Essas questões saltam aos olhos, pois ao contrário de Baudelaire, Vellozo participou ativamente da vida política da cidade. Chegamos, então, em um ponto importante dessa reflexão: a recepção dos gregos antigos aparece na retórica de Vellozo

⁴ *Apud* BEGA, 2013, p. 251.

de forma articulada, mas em diferentes frentes. Se por um lado na poesia gnose, hermetismo, filosofia grega e ocultismo se fazem presentes, por outro, moral, democracia e vida pública, são os temas dos textos jornalísticos ou mesmo em sua proposta de ensino laico, seja no Ginásio Paranaense onde atuou muitos anos como professor de História Geral, produzindo material próprio sobre História Antiga, como na escola que propôs, a Escola Brasil Cívico, experiência curta, mas embrião do Instituto Neo-Pitagórico. Essas frentes se misturam mais ao final da vida, como no trecho do poema destacado, quando na maturidade busca deixar seus textos organizados de forma a indicar sua visão sobre o país, sobre a vida, sobre a natureza, cosmo e espírito.

Uma proposta de leitura⁵

O caso de Vellozo é bastante particular e, por isso, instigante. Basta pensar que há poucos estudos sobre a circulação dos valores greco-romanos no Brasil da Primeira República e como esses valores se fazem presentes no cotidiano das pessoas. Do ponto de vista historiográfico, *A formação das Almas* de José Murilo de Carvalho (2014) é uma referência importante, pois nessa obra já alertava para a diversidade do fluxo de ideias que circulava pelo Brasil a partir da segunda metade do século XIX, cujo auge leva à Proclamação da República em 1889. Entre os vários embates político-ideológicos, Carvalho destaca e analisa três correntes de ideias: o liberalismo americano e as ideias da independência dos EUA, o jacobinismo à francesa e o positivismo. O estudioso argumenta que, dos choques de tais ideias, há um transbordamento de símbolos que nutriram identidades diversas. Tais conflitos, portanto, foram fundamentais para organizar o passado, presente e o futuro da nação.

Embora não seja o foco central de sua análise, Carvalho aponta que cada corrente de pensamento traria, em seu bojo, formas específicas de leituras sobre os símbolos greco-romanos. A Revolução Francesa desempenha um papel importante nesse imaginário, pois com ela surge a possibilidade da educação pública e novas formas de formar almas, sendo o pintor Jacques-Louis David, entre os artistas, um grande expoente. Na leitura de Carvalho, David seria um dos primeiros artistas a perceber a importância do uso de símbolos greco-romanos na construção de novos valores sociais e políticos. De fato, em um outro trabalho realizado com minha colega Raquel Stoiani, argumentei que o uso de referências clássicas, atualizado e reforçado pelo Neoclassicismo encabeçado por David, além de marcar o embelezamento das cidades, dos lares e dos corpos, estabeleceu uma linha de continuidade com o passado, transportando à contemporaneidade, por meio de uma ponte imaginária, que parecia atravessar diretamente os séculos sem interrupções, os exemplos de civismo, moral, lealdade e sacrifício a serem seguidos pelos cidadãos franceses (GARRAFFONI, STOIANI, 2006).

Ao discutir essa apropriação de David, Carvalho defende que os brasileiros republicanos teriam se inspirado nos franceses e gerado uma disputa pelas diferentes versões de República. Assim, a recuperação de mitos e símbolos greco-romanos, atravessados pelos ideais franceses, plasmariam visões de mundo nas maneiras de sentir a vida, dariam legitimidade a construção do panteão cívico da nação e os modelos de ação para os membros da comunidade. Haveria, portanto, uma luta no campo das ideias pelo estabelecimento do mito de origem da República brasileira. A partir dessas considerações é possível argumentar que Carvalho, ao tratar da presença greco-romana nesse período, o faz a partir do modelo francês, aparecendo como parte do imaginário

⁵ Parte das reflexões apresentadas nesse item é um resumo adaptado dos argumentos do capítulo 01 do catálogo publicado pelo Museu Paranaense. Para a versão completa, cf. GARRAFFONI, 2018, p. 27-36.

político de parte das elites brasileiras em geral e em especial a carioca. Ou seja, é parte do processo, mas não é o ponto central da análise de Carvalho. Se por um lado menciona essa ocorrência, por outro a restringe ao imaginário político e não avança para o cotidiano e as apropriações culturais dos clássicos, ou seja, seu trabalho inspira reflexões, mas não explica a experiência concreta do grupo curitibano, os trabalhos de Vellozo e sua dedicação ao simbolismo ou filosofia grega, por exemplo.

Para avançar na compreensão do fenômeno de forma crítica e sem ficar presa às armadilhas já mencionadas por Willer e Murici, acredito que seja interessante retomar as reflexões de Helenice Rodrigues e Heliane Kohler (2008). As estudiosas defendem que estudar as expressões de movimento dos intelectuais é fundamental para perceber as relações entre as pessoas, a retórica, a sociedade e o espaço, afinal as experiências pluriculturais urbanas podem ser a base para uma reflexão acerca das produções culturais, das transformações de modelos estéticos e políticos, bem como a circulação dos saberes. Nessa proposta, entender as condições de produção das artes e dos saberes significa perceber o fenômeno das relações humanas, ou seja, imbricações de modelos teóricos e culturais, precisam ser entendidos como parte constitutiva da própria história das Américas. Seguindo essa abordagem, poetas, escritores e intelectuais em geral precisam ser analisados e compreendidos em um sistema de redes e conexões, de interações que geram apropriações e transformações nas ideias, constituindo novas formas de pensar e existir no cotidiano brasileiro.

Por meio dessa constatação das autoras percebi que poderia expandir a proposta já mencionada de Carvalho (2014), ou seja que seria possível aproximar da política local sem me restringir a ela, mas problematizando questões cotidianas e culturais, isto é, os processos de circulação de intelectuais e saberes, conexões ou interações, iluminando outros aspectos da construção de histórias locais e nacionais, como a presença dos antigos gregos e romanos na constituição da arte, literatura e arquitetura urbana em uma capital de província. Trata-se de buscar perceber como as relações com o passado greco-romano vão além dos territórios europeus e constituem parte das relações culturais de lugares em que esses povos antigos nunca estiveram historicamente, ou seja, como a apropriação desse passado permite refletir sobre retórica, arte, escrita, identidade, conflitos, história oficial, mitos de origens, deslocamentos de saberes e constituição de discursos de poder. Defendo, então, que é preciso construir análises dos mecanismos de circulação de ideias, pois essas análises críticas permitem apostar na capacidade criativa dessas pessoas e não na mera aceitação de modelos estrangeiros de formas de agir e pensar.

Esse tipo de estudo é, seguramente, desafiador, pois implica refletir sobre deslocamentos geográficos e temporais (passado-presente) e seus efeitos na constituição dos projetos artísticos e políticos brasileiros. Sempre que penso sobre essas questões me recordo de Jenkins (2005, p. 30) e sua afirmação de que uma das maiores contribuições teóricas de Lowenthal (1985) foi sua discussão de por que o passado importa tanto na Modernidade, em especial na virada do século XIX para o XX. Ao explorar os usos do passado no presente, Lowenthal abre muitos campos de reflexão: a construção de passados imaginados, a busca pelas origens, o gosto pelas ruínas e as diferentes formas de entendê-las, enfim, estimula a pensar sobre a diversidade de meios que a sociedade ocidental criou para se relacionar com o passado individual e coletivo e as formas diversas de acessá-lo.

Considerando a proposta de Lowenthal em que o passado é onipresente na experiência da Modernidade e avançando a partir da noção de circularidade defendida por Rodrigues & Kohler e o já mencionado Machado, é possível compreender melhor o cotidiano de Vellozo e do grupo de simbolistas paranaenses: por terem atuações

múltiplas e produzido uma vasta gama de escritos, para percebemos como articulam os valores greco-romanos em seu cotidiano, é importante estar atento para as continuidades e contradições que emergem em seus discursos e construções retóricas, de acordo com o público a que se referem. Ou seja, é preciso estar atento à intertextualidade de seus poemas e à materialização de seus discursos; o desafio está em estabelecer relações entre história de Curitiba, circulação de saberes sobre a história grega e romana, embates da política local, os impactos da Proclamação da República e Abolição, o Simbolismo Paranaense e o decadentismo francês, enfim, as leituras do passado clássico e as propostas estéticas e políticas e a circulação de suas ideias nas instituições paranaense que se formavam. É preciso perceber, por fim, como se articulam, nas palavras do já mencionado Hara, os saberes noturnos e diurnos, e as implicações de cada um na construção de uma nova identidade para um estado que nascia.

Considerações finais

O encontro com os simbolistas paranaenses e, pelo recorte aqui tratado, as reflexões de Vellozo e sua incansável luta pela criação de espaços de discussão sobre o passado grego, permitem novas abordagens sobre a tensão tempo/experiência na Modernidade, deslocando nossos olhares para a região sul do país que se formava. Até onde pude avançar nesses estudos, não encontrei nenhum fenômeno correlato no país, pois o grupo simbolista paranaense vai além do campo das ideias, materializando-as em meios de vida helênicos em vários espaços públicos seja por meio dos encontros para leituras de poesias, seja no Templo das Musas ou no Passeio Público, onde Emiliano fora coroado príncipe dos poetas. Bega (2013, p. 486), já mencionada, defende que, por meio dos antigos gregos, esses poetas ajudaram a escrever uma história para o Paraná que prescindiu do passado colonial e escravocrata e, por meio do anticlericalismo, nas primeiras décadas do século XX, conciliaram tendências políticas que logo se dissolveram entre os novos imigrantes e as ideias de progresso. Em outras palavras, por um período curto de tempo criaram um modo de vida próprio. Funcionários públicos ou profissionais liberais, esses homens se apresentavam como livres pensadores místicos – alguns eram boêmios como Emiliano Pernetta, outros abstêmios como Vellozo –, se ligaram ao campo das ideias anarquistas, embora não tivessem militado em sua defesa, editaram revistas, fundaram irmandades e confrarias, formaram um grupo coeso em que debatiam suas perspectivas literárias e utopias políticas, enfim, em um embate entre universal e local negaram o parnasianismo e combateram a Igreja católica sem perder a erudição.

Acredito que essa efervescência cultural de algumas décadas não pode ser entendida sem levar em conta a experiência de leitura, tema caro a Benjamin em sua análise da Modernidade. Gostaria, portanto, de encerrar essa reflexão chamando a atenção para o fato de que a recepção dos gregos nesse contexto curitibano, da maneira como percebo até o presente momento, vai além de uma cópia do modelo francês ou de uma imitação fora de propósito dos gregos: acredito que a volta aos gregos, ou seja, como Vellozo leu, propôs e experimentou a filosofia helênica foi para criar o novo; novos estilos estéticos para arte, a literatura e experiência de vida junto a seus amigos. Esses homens que se definiam como livres pensadores, retornaram à Grécia antiga não para revivê-la de forma diletante, mas para criar novas redes de sociabilidade intelectual e política. Esse passado antigo e distante, na Modernidade curitibana, transbordou a partir das propostas de leituras e da escrita literária, não se fechou, por isso mesmo, se transformou em ferramenta para a construção de novas experiências coletivas/nacionais, de novas identidades.

Referências

- BEGA, M. T. S. *Letras e política no Paraná – simbolistas e anticlericais na República Velhas*. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.
- BELTRAMI, A. N. *Proezas alquímicas: a ciência e o esoterismo de Dario Vellozo na terra das Araucárias (Curitiba 1890-1913)*. Dissertação de Mestrado, UNB, 2009.
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- CARVALHO, J. M. *A formação das Almas – O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CAVICCHIOLI, M. R. *As Representações da Sexualidade na Iconografia Pompeiana*. Dissertação de mestrado defendida no IFCH/Unicamp, 2004.
- GARRAFFONI, R. S. *Os Antigos Gregos no acervo do Museu Paranaense: Recepção dos Clássicos, Poesia Simbolista e Política*. Curitiba: Edição por demanda/SAMP/Museu Paranaense, 2018.
- GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. The uses of Roman heritage in Brazil, *Heritage & Society*, n. 5, vol. 1, p. 53-76, 2012.
- GARRAFFONI, R. S.; SANFELICE, P. P. Arqueologia e poder: o caso de Pompeia. In: *Anais I Semana de Arqueologia - Unicamp - Arqueologia e Poder*, Campinas: Gráfica IFCH, p. 1-10, 2013b.
- GARRAFFONI, R. S.; SANFELICE, P. P. Em tempos de culto a Marte por que estudar Vênus? Repensando o papel de Pompeia durante a II Guerra. In: Cerqueira, F.V; Gonçalves, A.T., Medeiros, E.; Brandão, J. L. (Orgs.). *Saberes e poderes no mundo antigo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 65-84, 2013a.
- GARRAFFONI, R. S.; SANFELICE, P. P. Homoerotismo nas paredes de Pompeia. In: ESTEVES, A. M.; AZEVEDO, K. T.; FROHWEIN, F. (Orgs.). *Homoerotismo na Antiguidade Clássica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 219-248, 2014.
- GARRAFFONI, R. S.; SANFELICE, P. P. Escavando Pompeia no início do século XX: Arqueologia, Nacionalismo e identidades em Conflito. In: SILVA, G. J.; GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A.; GRALHA, J.; RUFINO, R. (Org.). *Antiguidade como Presença: Antigos, Modernos e usos do passado*. Curitiba: Editora Prismas, p. 269-296, 2017.
- GARRAFFONI, R. S.; STOIANI, R. Escavar o passado, (re)construir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade Clássica por Napoleão Bonaparte. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 6, p. 69-82, 2006.

HARA, T. *Saber Noturno – uma antologia de vidas errantes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

JENKINS, K. *A história repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge: CUP, 1985.

MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 Edição, 2017.

MURICI, A. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980 [1952].

NIGEL, A.; WOODS, C. S. *Anachronistic renaissance*. Nova York: Zone Books, 2010.

RAYMOND, M. *De Baudelaire ao Surrealismo*. São Paulo: Edusp, 1997 [1940].

RODRIGUES, H.; KOHLER, H. *Travessias e cruzamentos culturais – a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RUFINO, R. N. *O bimilenário de Augusto na Espanha (1939-1940): construções discursivas do franquismo sobre a Antiguidade romana*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SANCHES NETO, M. *A Reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

VELLOZO, D. *Atlantida*. Curitiba: Retiro Saudoso, 1938.

WILLER, C. *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e poesia moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Data de envio: 18-03-2019

Data de aprovação: 04-08-2019

Data de publicação: 05-10-2019